

Figueiredo não mudará rumo da política econômica

Brasil

São Paulo — Em discurso pronunciado no almoço de posse da nova diretoria da Federação das Indústrias de São Paulo, o presidente Figueiredo disse que é seu propósito entregar ao sucessor "um País fundado em sólidas instituições democráticas e com a economia novamente em crescimento". O presidente da República reafirmou a "coerência" do programa econômico desenvolvido pelo governo, pela falta de "alternativas viáveis nas atuais circunstâncias".

Figueiredo pediu o apoio da sociedade para o modelo posto em prática por seu governo. De sua parte, disse estar decidido a empenhar todas as energias para a recuperação da economia, não fugindo a responsabilidade do mandato que exerce.

O programa econômico do Governo é coerente e não se lhe oferecem alternativas viáveis nas atuais circunstâncias. É preciso que todos os segmentos da sociedade o apoiem, aceitando sua parcela de sacrifícios. É preciso que todos atentem para o alcance de sua responsabilidade, porque a desunião e a falta de colaboração, neste grave momento, podem ter em custo por demais elevado para a Nação — enfatizou Figueiredo.

O presidente da República disse que o governo tem consciência de sua responsabilidade, embora tenha "arrostrado a incompreensão de muitos; alguns, ainda que bem intencionados, incapazes de perceber a gravidade da situação ou de compreender os mecanismos financeiros internacionais contemporâneos; outros, pescadores de águas turvas, interessados em propiciar caos na esperança de ilusório ganho de prestígio ou de poder".

Livre iniciativa

No início de seu discurso, em resposta à saudação do presidente da Fiesp, Luis Eulálio Bueno Vidigal, Figueiredo ressaltou a fé que deposita na livre iniciativa e no funcionamento da economia de mercado como "pilares de sustentação do Brasil livre e democrático".

Em companhia de oito ministros de estado, o presidente da República chegou à sede do Clube Pinheiros às 12h 30min. Na mesa principal, depois de um rápido coquetel no segundo andar, sentaram à esquerda do presidente e do governador Franco Montoro os ministros da Indústria e do Comércio, Camilo Penna, da Agricultura, Amaury Stábile, do Gabinete Militar, Rubem Ludwig, e extraordinário para Assuntos Fundiários, Danilo Venturini.

Ao lado direito ficaram a ministra da Educação, Esther de Figueiredo Ferraz, do Trabalho, Murillo Macedo, do Planejamento, Delfim Netto, e do Interior, Mário Andreazza. O almoço, de 1.500 talheres, contou com a presença quase macia do empresariado de São Paulo e alguns políticos, na maioria do PDS. Dos ministros que acompanharam o presidente Figueiredo a São Paulo apenas o chefe do Serviço Nacional de Informações, general Octávio Medeiros, não compareceu ao almoço no Pinheiros.

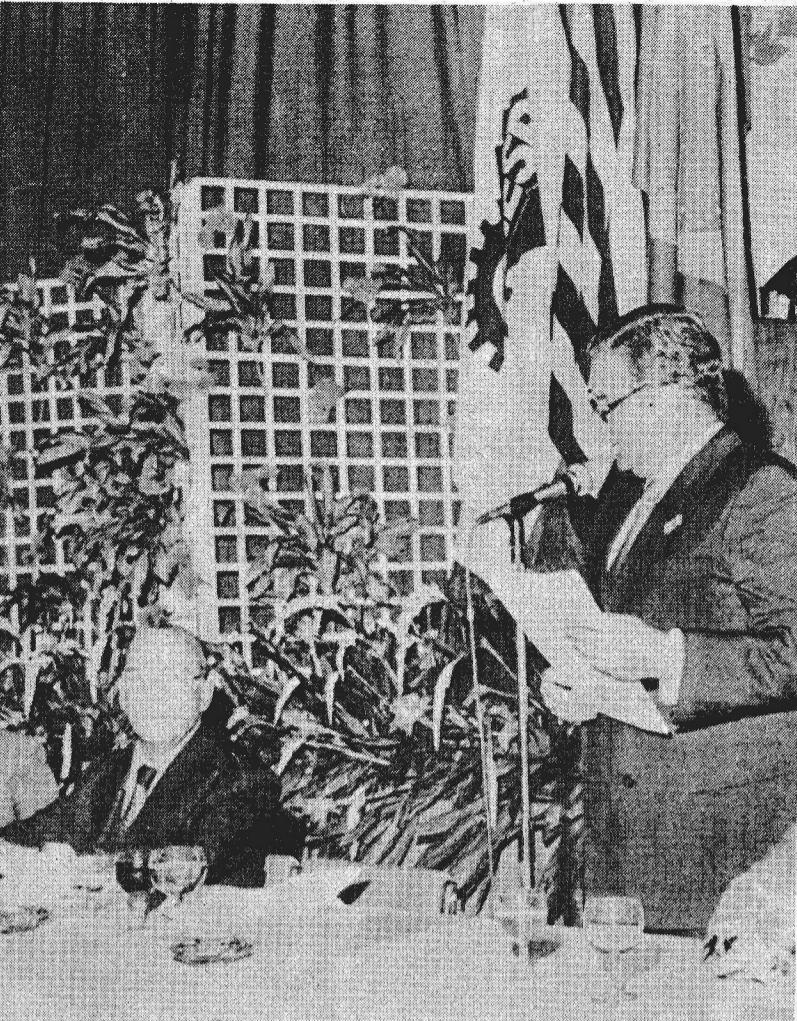
Antes de deixar o hotel Ca D'oro para dirigir-se ao almoço de posse da diretoria da Fiesp, o presidente da República recebeu em sua suite cinco representantes da União Cívica Feminina, organização que participou da "Marcha da família com Deus pela liberdade", em 64, lideradas por Ivete Carvalho. Segundo a líder do movimento, o objetivo da audiência foi reiterar o apoio ao presidente da República e aos "ideais da Revolução de 64".

As cinco mulheres queixaram-se ao presidente da insegurança que a população vive atualmente. Manifestaram, ainda, apreensão com a incidência de saques e desordens nas grandes cidades. Ivete Carvalho, líder do movimento, disse, porém, que não há clima atualmente para a reedição da marcha de 64.

O presidente Figueiredo embarcou para o Rio de Janeiro às 15h 20.

Sem surpresa

O presidente João Figueiredo não manifestou surpresa pelo fato de os empresários paulistas preferirem o vice-presidente, Aureliano Chaves, para ocupar a presidência da República, afirmou ontem o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Luis Eulálio de Bueno Vidigal Filho, que transmitiu ao presidente da República o resultado de uma pesquisa informal sobre sucessão realizada na Fiesp. De acordo com Luis Eulálio, o presidente Figueiredo entende que essa preferência é resultado da identificação que existe entre Aureliano e a classe empresarial.



Na posse de Vidigal, Figueiredo condenou alternativas aventureiras

O presidente da República presidiu a solenidade em que Luis Eulálio foi reempossado no cargo de presidente da Fiesp. A cerimônia — um almoço realizado no Clube Pinheiros — contou com a participação de pelo menos 2.500 pessoas na mesa principal. Luis Eulálio permaneceu ao lado do presidente da República e foi durante esse almoço que o presidente da Fiesp comunicou a João Figueiredo os resultados da pesquisa.

Depois da solenidade, Luis Eulálio contou, em tom de brincadeira, que sugeriu ao presidente da República que fosse feita uma "dobradinha" com Aureliano Chaves para presidente e o ex-governador Marco Maciel para vice, uma vez que Marco Maciel foi o segundo mais votado pelos empresários, segundo Luis Eulálio. O presidente Figueiredo não fez comentários a respeito dessa sugestão.

A sucessão presidencial foi a tônica das conversas no almoço do Clube Pinheiros. Os comentários giraram em torno da pesquisa realizada na Fiesp que apontou Aureliano Chaves como o preferido dos empresários, seguido de Marco Maciel, Paulo Maluf, Antônio Carlos Magalhães e Mário Andreazza. Luis Eulálio não revelou sua preferência por qualquer um desses candidatos, enquanto que o vice-presidente da Fiesp, Cláudio Bardella, se recusou a tratar da sucessão por considerar que existem outras coisas mais importantes.

Mário Garnero

Por sua vez, o presidente do grupo Brasilinvest, Mário Garnero, afirmou que o vice-presidente Aureliano Chaves possui todas as condições para ser o sucessor do presidente Figueiredo. Garnero elogiou o presidente João Figueiredo pelo fato de ter ampliado as consultas para indicar seu sucessor, sem ter ficado restrito às bases do PDS.

— Estamos num processo democrático — disse Garnero. Portanto, é natural que o presidente consulte setores importantes da sociedade, entre eles, a classe empresarial.

Para Garnero, é fundamental que o candidato indicado para suceder o presidente Figueiredo tenha credibilidade e respaldo dos empresários.

Durante o almoço realizado ontem no Clube Pinheiros houve um momento de descontração: foi quando o presidente Figueiredo e Luis Eulálio — que permaneceram um ao lado do outro na mesa principal — começaram a rir, aparentemente sem motivo.

Depois do almoço, quando recebeu os cumprimentos de empresários nos jardins do Clube Pinheiros, Luis Eulálio informou apenas que ele e o presidente começaram a rir a partir de uma conversa que tiveram sobre o deputado Mário Juruna, do PDT do Rio de Janeiro. Luis Eulálio não quis detalhar o teor da conversa.

O almoço com a presença de 1.500 empresários, na sede do Clube Pinheiros, serviu para que três presidenciais desfilassem perante um colegiado subitamente valorizado pela disposição do

presidente Figueiredo em estender as consultas além das fronteiras do PDS.

Lugares especiais

O ministro do Interior, Mário Andreazza, o deputado Paulo Maluf e o presidente da Itaipu Binacional, general Costa Cavalcanti, distribuiram abraços, tapinhas nas costas e ocuparam lugares de destaque no almoço de posse do empresário Luis Eulálio Bueno Vidigal.

Dos três, considerando-se o ponto de vista visual, o ministro Mário Andreazza conseguiu ocupar, pelo que lhe facilita o cargo o ponto estratégico principal. Ele sentou na mesa ao lado do ministro do Planejamento Delfim Netto, e próximo ao presidente Figueiredo. Ao final do almoço, mesmo reconhecendo o direito de Andreazza sentar na mesa principal, o deputado José Camargo, amigo pessoal do presidente, viu na presença do ministro uma atitude de prestígio de Figueiredo à sua candidatura.

O deputado Paulo Maluf, entretanto, não demonstrou desdém com a posição desvantajosa. Ele tratou de revidar sentando numa mesa à frente do presidente da República, em companhia do comandante do II Exército, general Sérgio de Ary Pires. Após o almoço, o general disse que sua presença na mesa do ex-governador era por "mera casualidade".

O general Costa Cavalcanti teve comportamento um pouco mais discreto. Ele preferiu ocupar uma mesa lateral, em companhia do empresário Sebastião Camargo proprietário da Construtora Camargo Correa. Nas entrevistas, também foi o mais comedido. Disse que o momento "é de mais trabalho e menos sucessão", referindo-se às dificuldades econômicas vividas pelo País. "Essa coisa (sucessão) está acelerada demais", concluiu.

Ao contrário de seu oponente, o ministro do Interior foi quem mais conversou sobre o assunto, em diversas entrevistas Andreazza falou de suas metas e chegou a prometer "um esforço por eleições diretas para o próximo mandato presidencial".

O deputado Paulo Maluf pouco conversou com os jornalistas. Apenas na chegada ao Pinheiros ele concordou em responder algumas perguntas. Na saída, alegou pressa em dirigir-se ao aeroporto para despedir-se do presidente Figueiredo. De fato, Maluf chegou atrasado a Congonhas, tendo que saltar o guard-rail para ocupar, rapidamente, o último lugar na fila dos cumprimentos.

O esforço dos presidenciais presentes ao almoço da Fiesp tinha razões suficientes. No início da semana, a entidade divulgou pesquisa feita junto ao setor, em que o vice-presidente Aureliano Chaves detém 80 por cento da preferência dos empresários.

Andreazza

— Estou no páreo e devo sair se não for escolhido pelo presidente para sucedê-lo. Neste caso apoierei quem indicar desistindo da minha candidatura, disse ontem o ministro do Interior, Mário Andreazza.

O vice-presidente da República caminhar até a disputa. Ele ressaltou que a campanha sucessória não está polarizada entre ele e o deputado Paulo Maluf, frisou que todos têm o direito de se apresentar à convenção, mas, acentuou que no momento não quer falar em outros candidatos.

— Desejo pensar unicamente na minha candidatura. Vou prosseguir nesta linha evitando sempre qualquer confronto e oferecendo ao País o meu trabalho para julgamento de todos.

O ministro disse que não pensa em deixar o Ministério do Interior, a menos que o presidente da República o mande embora. Ele chegou ao Clube Pinheiros para a posse da nova diretoria da Federação das Indústrias, num galáxia, junto com o ex-governador José Maria Marin e os deputados federais Alcides Francisco e José Camargo.

Desde a chegada atraiu a atenção dos repórteres que praticamente desistiram de procurar o deputado Paulo Maluf para entrevistas. Marin disse que o ministro é o candidato preferido pelo PDS paulista, mas não quis adiantar quantos dos 34 delegados à convenção o apoiaram. Acentuou que o presidente Figueiredo tem "muitos amigos que apoiam o candidato que escolher".

Mário Andreazza disse que não há uma quantificação do apoio que sua candidatura tem. Acentuou, porém, que seu "cacife político" é o trabalho que vem realizando desde que foi ministro dos Transportes no governo Médici.

— É um trabalho intenso, inteiramente dedicado ao bem do País, ao bem comum. Esse é o nosso grande cacife que apresentamos ao julgamento. Não existem áreas principais que nos apóiam. Temos ai o Nordeste fazendo as suas manifestações e da mesma forma o Sul e o Centro-Oeste. Temos apenas o sentimento de que a situação é boa, que nos permite uma disputa.

O apoio do general Dilermano Gomes Monteiro à candidatura do vice-presidente Aureliano Chaves, expressa em declaração na semana passada, não sensibilizou o ministro do Interior. Para ele se tratou de uma opinião isolada e, por estarmos numa democracia, deve ser respeitada.

— Mas, pelo conhecimento que tenho das Forças Armadas, sei como é difícil avaliar o apoio militar para uma situação política. Tenho estado em contato com outros militares que pensam de maneira diferente.

Mário Andreazza voltou a afirmar que se indicado pelo presidente Figueiredo pedirá ao partido para, juntos, elaborarem o programa de seu governo.

Sucessão

O presidente do diretório regional do PDS mineiro, deputado federal Christóvão Chiaradia (PDS-MG), recebeu convite do presidente Figueiredo, para uma audiência na próxima segunda-feira, a 1h, em Brasília, a fim de tratar da sucessão presidencial. O deputado mineiro revelou que vai dizer ao presidente que a grande maioria do PDS mineiro prefere o vice-presidente Aureliano Chaves, seguido do deputado Paulo Maluf.

Em terceiro lugar, na ordem de preferência dos mineiros vem o ministro Mário Andreazza. O deputado Christóvão Chiaradia, no entanto, pretende dizer ao presidente que a posição de Minas, decorrente de pesquisas e contatos pessoais, já é bem conhecida em favor do vice-presidente da República.

O presidente do diretório regional do PDS informou, porém, que não houve nenhuma definição oficial do partido em Minas, com relação à sucessão presidencial. "Mas, o posicionamento dos mineiros já é por demais conhecido. O vice-presidente detém ampla maioria".

Aureliano

O vice-presidente da República, Aureliano Chaves, desembarcou ontem, na Base Aérea do Aeroporto da Pampulha, em Belo Horizonte, onde foi recebido com honras militares, pelo governador Tancredo Neves, pelo presidente da Assembleia Legislativa, deputados federais e estaduais e outras autoridades.

Aureliano chegou às 12h 45 horas, num avião da Força Aérea Brasileira, procedente de Itajubá, onde foi assistir ao enterro de uma tia de sua esposa, Dona Vivi.

O vice-presidente da República ficou em Belo Horizonte, hospedado no Othon Palace Hotel, até domingo, dia 2, e na tarde de hoje a partir das 15 horas, ele será homenageado, em reunião especial da Assembleia Legislativa, quando receberá o diploma e a medalha da "Ordem do Mérito Legislativo", das mãos do presidente Genésio Bernardino.